

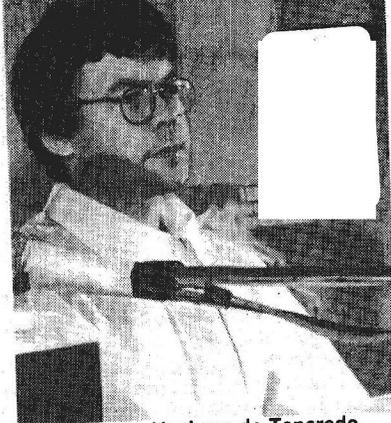
Agora que não há mais jornalistas, nem povo, nem rezas, nem esperanças na frente do Incor, e ele voltou a usar a porta da frente para entrar e sair do hospital (eram tantas as perguntas, e tão difíceis!), o padre Leocir Pessini retorna à sua velha rotina diária amparado na maior lição de fé que já recebeu de um doente, nos quatro anos em que trabalha como capelão do Hospital das Clínicas, em São Paulo.

— Deus é grande.

— Sem Deus a gente não é nada.

Foram estas as palavras que tanto o marcaram, que ele ouviu, uma, duas, muitas vezes, dos lábios do presidente Tancredo Neves, ali deitado sereno, sem uma única queixa, os olhos postos num belo crucifixo barroco colocado na parede fria da U.T.I., bem na frente da sua cama, suportando o sofrimento com uma dignidade que o padre Léo jamais viu em doente algum. A imagem desse homem tão poderoso e tão humilde, lutando pela vida com uma força espiritual "de aço" e ao mesmo tempo sem indignar-se contra a chegada irreversível da morte que foi tomando seu corpo lentamente, dia após dia, cortou-lhe o coração a cada minuto das últimas quatro semanas. Essa imagem ele nunca vai esquecer, por mais tempo que viva — ele só tem 29 anos — e por mais que já tenha vivido: quatro anos à cabeceira dos 2.500 leitos do maior hospital da América do Sul tornam qualquer pessoa "diplomada" em sofrimento humano. Equivalem a quatro séculos no mundo aqui de fora.

No último domingo Padre Léo morreu um pouco, como acontece toda vez que um seu "paciente" se vai. Padre Léo não é um "rezador", como tanta gente imagina — embo-



Padre Léo: as lágrimas de Tancredo.

A lição de humildade desse homem tão poderoso

ra nunca tenha rezado tanto na vida quanto neste último mês. Tampouco é uma "visita", como no próprio hospital às vezes pensam. "Passeando hoje, padre?", muitos brincam quando o vêem passar.

Não, ele não está passeando quando entra em tantos quartos, se debruça sobre tantos rostos, carregando seu sorriso, sua fala mansa de catarinense e seu violão. Mais escutando que falando, mais preocupado com as verdades alheias que com as supostamente suas, sacrossantas. Não, ele também não está realizando conversões. Sua missão, que tem mais de quatro séculos de história e começou quando Camilo de Lellis, um homem que nem sequer era religioso, revoltou-se contra o tratamento desumano dado aos doentes nos hospitais italianos lá pelos idos de 1500

e tantos, convertendo-se e fundando a ordem dos Camilianos, não é uma missão doutrinária: é uma missão humana. "Ir ao encontro da pessoa que está ali deitada naquela cama, cheia de medo e ansiedade, desamparada entre tantas ordens, tantos tubos, tantas palavras técnicas, e dar-lhe a chance de ser, simplesmente, humana" — esta a sua missão.

Humano é chorar

Humano é chorar, revoltar-se, expressar a dor, questionar-se sobre suas razões e até desesperar-se, pensa o padre Léo, que não acredita nas velhas fórmulas populares de consolo como "você tem de ser forte" (a fé ajuda a conviver, mas não elimina o sofrimento, diz), "o tempo cura todas as feridas" (porque não cura! garante), "Deus prova aqueles a quem ama" (que Deus sadomasoquista é esse?, pergunta) ou simplesmente os ditos fatalistas "esta é a vontade de Deus" e "Deus sabe o que faz". Esse é o caminho certo para levar as pessoas a ficarem com raiva de Deus, diz o padre Léo. "Seria mais honesto reconhecer que não compreendemos o porquê de certos sofrimentos. Não suportamos esse desconhecimento, mas esse é um problema nosso; não culpemos Deus."

Como atribuir à vontade Dele, por exemplo, que crianças vivam há oito, dez anos, e para sempre na Ortopedia do HC, presas eternamente à cama e aos respiradores artificiais em razão da poliomelite que contraíram quando bebês? Entender é impossível, mas possível é fazê-las brincar (elas pintam e jogam usando a boca, algumas as mãos) e cantar: é por isso, para alegrá-las, que o capelão de um hospital não precisa só de cursos, de preparo profissional (padre Léo é

formado em Filosofia e Teologia, pós-graduado em Ética na área de Saúde, com especialização em "Counseling" num hospital norte-americano). Precisa ser alegre, tocar violão, fazer até da missa uma hora agradável, um encontro ao mesmo tempo com Deus e com os outros, um encontro social. "Porque é no humano", diz padre Léo, "que você encontra Deus".

— Não tem missa mais na Psiquiatria por quê?, cobram dele, insistentemente, pacientes dessa ala.

Tinha, toda semana, mas não era ele quem rezava. Sem o seu som, as suas brincadeiras, era o mesmo que não tivesse, responderam os doentes.

Padre, num hospital, não pode ser triste. Como também não podem sucumbir ao sofrimento os 120 anônimos voluntários que ajudam os padres Léo, Christian e Zé Maria — esses também jovens, perto dos 30 anos — a distribuir carinho entre os mais de dois mil pacientes do Hospital das Clínicas: um para cada 200, tarefa árdua!

Mais árdua que todas, porém, é enfrentar as portas brancas de uma UTI. "As UTIs são catedrais do sofrimento", define o padre Léo. Porque a morte, diz, é ainda um grande tabu. "Nossa sociedade evita falar na morte, não trabalha a própria morte, morre como se não estivesse morrendo. Cercado de profissionais vestidos de branco, ligado a aparelhos, num quarto sem janelas, impessoal e frio, longe do ambiente familiar e das pessoas queridas, o doente muitas vezes morre sem ter quem lhe segure a mão."

"É só isso, quase sempre, não mais do que isso, que você pode fazer: estar com a pessoa, segurar a sua mão. Fazê-la sentir-se querida, importante, ajudá-la a ir-se deste mundo da mesma forma que um

dia, muito tempo atrás, alguém ajudou-a a nascer", diz.

As lições do presidente

É por isso, por tudo isso, que a passagem do paciente Tancredo, do ser humano Tancredo e da sua família pela U.T.I., onde trabalha há tanto tempo, onde vê todo dia coisas tão tristes acontecerem, vai marcá-lo para sempre: habituado a consolar, acabou sendo consolado; acostumado, por sua missão, a provocar a emoção e a humanidade das pessoas, terminou vencido pela humanidade do presidente e de dona Risoleta.

Foram tantos os momentos de emoção que ele nem sabe precisar quantas vezes se surpreendeu, quantas vezes chorou. Na primeira, quando se apresentou ao presidente, receoso, pouco à vontade, medindo as palavras diante de um paciente tão ilustre. "Muito obrigado, padre", respondeu Tancredo, estendendo-lhe a mão com simplicidade. E naquela hora ele recebeu do presidente a primeira lição: quando se colocam como seres humanos, não há hierarquia entre as pessoas. Somos todos iguais.

Depois, com o passar dos dias, quando viu a fé e a devoção do povo lá embaixo, na porta do hospital, e achou que o doutor Tancredo precisava saber disso. Achou que lhe cabia o papel de mediador entre essas preces e ele. Contou-lhe, falou-lhe muitas vezes sobre o que acontecia lá fora. Em todas, viu lágrimas nos olhos do presidente. "O sofrimento de Cristo foi por todos nós", disse-lhe padre Leo num dos dias. "O seu também não é em vão: é por todo o povo. Mais que qualquer discurso, é o seu sofrimento que esta unindo esse povo." Isso foi no domingo de Ramos. Padre Leo falou assim e entregou um ramo ao presidente, explicando-lhe o signi-

ficado: "É porque o senhor é um líder". E novamente viu lágrimas nos olhos do presidente.

E teve o dia da quarta operação, quando Tancredo, já cansado, tinha dito ao neto Aécio que não merecia isso tudo. Padre Léo não ouviu essa frase, mas lembra que o presidente, nesse dia, estava mesmo desesperado — mas ainda cheio de fé. Viu-o pelo visor da U.T.I. e acenou para que ele entrasse. "Preciso tanto das suas preces, padre!" pediu-lhe. E Léo fez com que os médicos, à volta da cama, se dessem as mãos e rezassem.

Na quinta-feira santa, no meio da missa que rezava diariamente para a família do presidente, todos foram chamados às preces: Tancredo piorava. Quando entrou, padre Léo se comoveu mais do que nunca. Sem poder falar (com o tubo na boca), o presidente apontava para ele, padre, e para o crucifixo da parede e juntava as mãos, pedindo orações. Foi aí que o padre Léo lhe deu a Unção dos Enfermos. "Uma dádiva de Deus para não fraquejar na sua fé, aliviar a dor e manter a esperança. O senhor quer?" Tancredo fez um sim veemente com a cabeça.

"Era o milagre da espiritualidade dele", interpreta o padre Léo. "Ao contrário de todos os doentes que já vi em U.T.I.s., que quanto mais pioram fisicamente também mais caem moralmente, ele não. Quanto mais o físico se deteriorava, mais se firmava sua espiritualidade."

A última lição, já com o presidente morto, veio de dona Risoleta. "Os filhos choravam, todos à volta choravam, e ela repreendeu-os. Vocês tiveram nele um exemplo de coragem e dignidade. Pois então sigam-no", ela disse.

Isabel Vieira,
especial para o J.T.